



CANGAÇO: UM MOVIMENTO SOCIAL

Wilson Alvares dos Santos¹

Mestrando em Políticas Públicas e Desenvolvimento (PPD),
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

E-mail: wilson.santos@aluno.unila.edu.br

alvares65@gmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Wilson Alvares dos Santos (2018): "Cangaço: um movimento social", Revista Caribeña de Ciencias Sociales (febrero 2018). En línea:

[//www.eumed.net/2/rev/caribe/2018/02/cangaco-movimento-social.html](http://www.eumed.net/2/rev/caribe/2018/02/cangaco-movimento-social.html)

Resumo

O cangaço se caracterizou por ter sido um movimento social armado, contextualizado por disputas políticas, por terras e de lutas pela honra. Este movimento, teve como área de abrangência a região semiárida do nordeste brasileiro. Onde viveu e até hoje vive uma população sofrida e humilhada pelas elites que governam o país. Assim, a inercia do governo ante a miséria e a desigualdade social que afligiam a população desta região, no período compreendido entre o final do Segundo Império e a década de 1930, foram o estopim deste movimento.

Palavras chaves: Cangaço, Movimento social, Região semiárida, Nordeste, Segundo Império

Resumen

El cangaço se caracterizó por haber sido un movimiento social armado, contextualizado por disputas políticas, por tierras y de luchas por el honor. Este movimiento, tuvo como área de abarcamiento la región semiárida del nordeste brasileño. Donde vivió y hasta hoy vive una población sufrida y humillada por las élites que gobiernan el país. Así, la inercia del gobierno ante la miseria y la desigualdad social que afligían a la población de esta región, en el período comprendido entre el final del Segundo Imperio y la década de 1930, fueron el estopim de este movimiento.

Palabras claves: Cangaço, Movimiento social, Región semiárida, Noreste, Segundo Imperio

Abstract

The cangaço was characterized as having been an armed social movement, contextualized by political disputes, by lands and by fights for honor. This movement had as its area of coverage the semi-arid region of northeastern Brazil. Where he lived and until today lives a population suffered and humiliated by the elites that govern the country. Thus, the inertia of the government before the misery and social inequality that afflicted the population of this region, in the period between the end of the Second Empire and the 1930s, was the trigger for this movement.

¹ Mestrando em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Bacharel em Geografia pela UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Bacharel em Ciências Contábeis pela SOMLEY-Sociedade Madeira de Ley / ISESCB-Instituto Superior de Estudos Sociais Clóvis Bevilacqua.

Key words: Cangaço, Social movement, Semi-arid region, Northeast, Second Empire

INTRODUÇÃO

Este estudo buscará identificar os fatos que levaram ao surgimento do cangaço, um movimento social armado, contextualizado por disputas políticas, por terras e a luta pela honra, que ocorreu no nordeste do Brasil. A inércia do governo brasileiro ante a miséria e a desigualdade social que afligiam a população desta região no período compreendido entre o final do Segundo Império e a década de 1930, além do isolamento e da falta de comunicação com outras regiões do país, foram o estopim deste movimento. Neste contexto, os referenciais teóricos em que este estudo se fundamentará, estará pautados em uma revisão bibliográfica a partir de fontes secundárias, tal como: livros, revistas, teses, artigos, sites, etc.

Com auxílio destas fontes, será analisada primeiramente a definição do termo cangaço, que ainda hoje suscita dúvidas. Este é um termo que pode ter sua origem indígena, como também pode possuir uma relação com a palavra canga, um equipamento utilizado para atrelar bois e muares, ou ainda a situação de fome que encontramos neste compartimento do território brasileiro. Em um segundo momento, será identificada a localização, ou seja, em que região do território brasileiro se deu este movimento. Em seguida, o cangaço será abordado como um movimento social que possui sua origem no início da colonização brasileira, e não como banditismo, história que as elites agrárias nordestina procura difundir. Encaminhando-se para o encerramento deste ensaio, apresento três personagens que se destacaram no cangaço. Encerra-se este estudo com as considerações finais.

DESENVOLVIMENTO

Esta seção inicia-se pela complexa e variada definição do termo cangaço. Este termo, suscita dúvidas ainda nos dias atuais entre os historiadores e pesquisadores sociais. Para Iokoi (2005), a origem do termo vem de “canga”, uma peça de madeira usada para prender os bois a uma carroça. Este conceito leva em consideração o peso que o cangaceiro carregava, e que aos poucos passa a adquirir um sentido negativo, que logo se desenrola para um sinônimo de “bandido” para uns, ou, valentes, justiceiros e defensores dos pobres, para outros. Teoria também aceita por Macêdo, (2014), in portal *estoriasehistoria*:

[...] a terminologia “cangaço” surgiu do hábito de os antigos bandoleiros se sobrecarregarem de armas, trazendo o bacamarte passado sobre os ombros, à feição de uma canga de jungir bois, por isso dizer que estes indivíduos andavam debaixo do cangaço, isto é, de uma canga metálica, feita de aço. Daí a expressão usada por Euclides, em “Os Sertões”, ao dizer que alguns indivíduos: “vinham debaixo do cangaço” (portal *estoriasehistoria*, 2014).

Para Neto (2015), alguns dicionários da língua portuguesa como Aurélio, Houaiss entre outros, definem a palavra “cangaço” como sendo bagaço, resíduos, carolo ou sabugo da espiga do milho, utensílio de casa pobre e pedúnculos de coqueiro que caem da árvore quando seco. Além desses significados, o Dicionário Globo da Língua Portuguesa de Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft e F. Marques Guimarães, ainda, acrescentou a expressão “animal magro”. Com base nesses significados surgiu a palavra “cangaço” no sertão nordestino para definir os restos de animais mortos. Muitos dos animais das regiões sertanejas do nordeste brasileiro atingidas pelas secas, de tão magros, ficavam no couro e no osso.

Ainda segundo Neto (2015), é muito comum ouvir pelas bandas do Pajeú, a expressão “O animal ou fulano de tal (referindo-se ao humano) está tão magro que se parece um cangaço”, neste caso, podemos relacionar essa expressão a “*bagaço*”, uma pessoa que se encontra extremamente cansada e sem forças. Essa expressão faz alusão a cadáver, corpo morto ou quase morto. Restos de animais mortos. No vocabulário do sertanejo, especialmente da população rural do sertão nordestino, o substantivo “*cangaço*” significa corpo morto, cadáver (especialmente, de ser humano). Carcaça, ossatura, esqueleto ou restos de animais mortos.

O cangaço teve como área de abrangência a região semiárida do nordeste brasileiro. O sertão nordestino, compreendido pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Mapa 01), dominado pela caatinga (“mata branca” na língua indígena), único sistema ambiental exclusivamente brasileiro, onde as temperaturas e a evapotranspiração são muito elevadas, enquanto a umidade relativa do ar e as precipitações pluviométricas, entre 400 e 800 mm anuais, são baixas, caracteriza desta forma, um grande déficit hídrico (EMBRAPA, 1996).

A região semiárida nordestina é, fundamentalmente, caracterizada pela ocorrência do bioma da caatinga, que constitui o sertão. O sertão nordestino apresenta clima seco e quente, com chuvas que se concentram nas estações de verão e outono. A região sofre a influência direta de várias massas de ar (a Equatorial Atlântica, a Equatorial Continental, a Polar e as Tépidas Atlântica e Calaariana) que, de certa forma, interferem na formação do seu clima, mas essas massas adentram o interior do Nordeste com pouca energia, tornando extremamente variáveis não apenas os volumes das precipitações caídas mas, principalmente, os intervalos entre as chuvas. No Semiárido chove pouco (as precipitações variam entre 500 e 800 mm, havendo, no entanto, bolsões significativos de 400 mm) e as chuvas são mal distribuídas no tempo, sendo uma verdadeira loteria a ocorrência de chuvas sucessivas, em pequenos intervalos. Portanto, o que realmente caracteriza uma seca não é o baixo volume de chuvas caídas e sim a sua distribuição no tempo. O clima do Nordeste também sofre a influência de outros fenômenos, tais como: El Niño, que interfere principalmente no bloqueio das frentes frias vindas do sul do país, impedindo a instabilidade condicional na região, e a formação do dipolo térmico atlântico, caracterizado pelas variações de temperaturas do oceano Atlântico, variações estas favoráveis às chuvas no Nordeste, quando a temperatura do Atlântico sul está mais elevada do que aquela do Atlântico norte (Portal fundaj.gov.br, 2002).

Mapa 01 – Área de ocorrência do cangaço



Fonte: Barreto, 2004

Devemos considerar que devido a estas características naturais, viver na caatinga é um grande desafio para o ser humano, esta dificuldade fica bem representada neste trecho da letra da música “Os Sertões”, composta por Edeor de Paula, interpretada por Fagner:

Sertanejo é forte
 Supera a miséria sem fim
 Sertanejo homem forte
 Dizia o poeta assim
 Foi no século passado
 No interior da Bahia
 O homem revoltado com a sorte
 Do mundo em que vivia
 Ocultou-se no sertão
 Espalhando a rebeldia
 Se revoltando contra a lei
 Que a sociedade oferecia (PAULA, 1976).

Para o historiador Eric Hobsbawm, in Iokoi (2015, p. 7), na figura do cangaceiro, pode-se dizer que se encontra um tripé do banditismo. O primeiro, diz respeito a vingança de sangue, feito por

uma família contra a outra por motivos pessoais (na maioria das vezes banal), quando a honra familiar e individual é defendida. O segundo, é o banditismo puro ou simples, trata-se do bandido que rouba para si, assaltando à mão armada, um meio de vida encontrado em sociedades onde há poucas oportunidades de vida decentes para todos. Por último, o banditismo social, quando a atitude é realizada em protesto, nem sempre consciente, às injustiças, às desigualdades e hierarquias da sociedade, é o “roubar dos ricos para dar aos pobres”. Como veremos, nas histórias dos cangaceiros, os três elementos estão presentes.

O cangaço é um movimento que para ser compreendido deve ser analisado dentro de um contexto histórico, decorrente do processo evolutivo de formação do homem, da sociedade e da cultura sertaneja, e não apenas como uma forma de banditismo rural. Cabe ressaltar, que ele teve seu início, com a própria origem do Brasil.

Não o Brasil do índio, mas o Brasil do português, das capitanias hereditárias, o Brasil do donatário, o Brasil dos flamengos de Maurício de Nassau, o Brasil do capitão mor, do senhor de engenho, do latifúndio e do boi; o Brasil das velhas Ordenanças Manoelinas e Filipinas². O Brasil da Guarda Nacional, do Regente Feijó, o Brasil de suas disputas internas, eternas desavenças que foram embriões, célula-ovo de onde germinaram o jagunço e o cangaceiro. Lutas iniciadas com a invasão holandesa, em 14 de fevereiro de 1630, passando pela Rebelião de Bequimão (Manoel Beckmão, no Maranhão em 1684); os Emboadas (1708/1710); os Mascates (1710/1711); Balaiada (1834/1841) e muitas outras que junto às pequenas brigas familiares culminaram por criar, no Brasil Colonial, o paraíso da violência e da medição de forças entre os potentados e do sofrimento e humilhação da ralé personificada na simplória figura do homem sertanejo. Esse reino de desgraças montou sua estrutura e seu mundo nos sertões nordestinos. Vem daí todos os males que ainda afligem e maltratam a gente sertaneja e brasileira (COSTA, 1994, p.20).

As discussões que envolvem o cangaço vão muito mais além do que questões de terra (latifúndios), e do poder dos coronéis, estas, de uma forma geral, são tidas como as questões determinantes deste movimento, na versão contada pela oligarquia rural.

Sertão é o nome desse cenário de vida difícil, zona fisiográfica perfeitamente definida em seus contornos naturais e sociais. Foi lá que a decadência precoce da colonização iniciada na segunda metade do século XVII, interrompendo o fluxo de penetração social menos de cem anos após seu início, veio a decretar o isolamento das populações já assentadas, empobrecidas a ponto de não se animarem a voltar para o litoral, além de asselvajadas por guerra longa e surda contra as tribos indígenas nativas e contra os animais bravios, notadamente, quanto a estes últimos, o felino que dizimava o gado. Isolamento e incomunicabilidade respondendo pela característica mais marcante do universo cultural sertanejo: o arcaísmo. Ainda hoje se pode sentir o eco do que foi esse traço fortíssimo da vida social fixada na caatinga, por conta do abandono em que esta jazeu ao longo de séculos. Nos modos de produção, nas relações negociais, na religiosidade, na moral, inclusive a sexual, na linguagem, nas formas de resolução de conflitos, nos jogos, no lazer, na predominância do interesse privado sobre o público, do individual sobre o coletivo, em tudo, enfim, a mumificação dos costumes provocada pelo isolamento deitou seu braço poderoso, a ponto de se respirar ali, ainda nas primeiras décadas do século passado, um clima humano muito próximo do quinhentismo³ e do seiscentismo⁴ trazidos pelos portugueses do primeiro momento da colonização (MELLO, 2004, p. 20).

Tendo o colonizador se estabelecido e formado uma sociedade, a sertaneja, não havendo mais a necessidade do emprego da violência contra ataques de índios e animais bravios, o colonizador se volta contra o próprio colonizador, a luta agora é pelas terras. Os coronéis, para garantirem sua segurança e de seus familiares, bem como de seu patrimônio, passaram a se utilizar de homens armados em suas propriedades, tendo-se em vista que as disputas pelas terras se prolongavam por gerações e gerações. Estes homens armados que passaram a ser conhecidos como

2

Durante o período colonial, a segurança pública brasileira funcionava com base nos regulamentos previstos nas Ordenações Reais Manoelinas (1521) e Filipinas (1603), onde encontramos o sistema jurídico-policia empregado na época (Portal sinpefb).

3 O Quinhentismo, fase da literatura brasileira do século XVI, tem este nome pelo fato das manifestações literárias se iniciarem no ano de 1.500, época da colonização portuguesa no Brasil (Portal brasilescola, 2017).

4 O Barroco ou seiscentismo foi o movimento literário que ocorreu de 1601 a 1768 (Portal lpeu, 2017).

cabras, capangas e jagunços, também expulsavam moradores ou posseiros indesejados, espancavam ou eliminavam os inimigos de seus senhores (BARRETO, 2004).

A abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889, colocaram um contingente de homens livres, sem terras e sem trabalho, em disponibilidade, abalando a estrutura econômica do país, baseada no latifúndio. Estes homens, encontraram no banditismo uma forma de sobrevivência, seja como capangas (homens assalariados a serviço de um fazendeiro que formava seu exército privado), ou como cangaceiros (homens independentes que se organizavam em bandos sob a direção de um chefe prestigioso). Os conflitos entre parentelas, entre fazendeiros e chefes políticos, agravados por movimentos milenaristas como Canudos, na Bahia, o Contestado, em Santa Catarina, e o Caldeirão, no Ceará, fizeram do sertão uma zona conflagrada, no primeiro período republicano (VASCONCELOS, 2002, p. 324).

Diante desta situação de violência, característica do sertanejo deste período da história brasileira, Mello (2004, p.64), afirma:

Uma vez canalizada para a violência, a energia humana permanece gerando violência por muito tempo, mesmo quando os inimigos naturais que foram responsáveis pelo seu surgimento já não existem. Quando isto ocorre, o que se dá é uma reorientação do sentido dessa violência em busca de rumo diverso e não seu amortecimento súbito. Quanto mais demorada tenha sido a fase cruenta de um processo de colonização, tanto mais duradoura se mostrará, via de regra, a permanência dos hábitos violentos, numa fase em que racionalmente já não mais se justificam. Isto que se deu no nosso ciclo do gado pode ser igualmente identificado na epopeia norte-americana da conquista do Oeste, se quisermos estabelecer o paralelo. Lá, como aqui, deu-se a formação de uma tradição de violência tão rica como renitente. Ela surge e se consolida ao longo de todo o período de afirmação do colonizador sobre os oponentes nativos, possuindo – por assim dizer – legitimidade de berço e de escola, de vez que seu emprego não resulta de livre opção por parte de quem o faz mas de imperiosa necessidade de sobrevivência. O emprego de violência representa sempre um ônus inevitável e, assim, legítimo para o colonizador pioneiro, todas as vezes em que se estabelece o processo de colonização resistida.

Nessa parte do território brasileiro, onde um povo resiste as forças da natureza, praticamente isolados e incomunicáveis, onde o Estado só aparece para cobrar impostos, onde a necessidade e a escassez estão sempre presentes. E pequenas cidades e povoados são controlados por homens que mais parecem os senhores feudais da idade média da Europa. Os coronéis, como eram conhecidos, eram autoridade máxima, tinham poder inclusive sobre as autoridades locais, que não ousavam enfrentá-los. O banditismo que gira entorno das histórias do Cangaço remetem a pessoas muito humildes que, por um motivo ou outro, se recusaram a seguir a inércia de permanecer sob controle dos coronéis, optando por um caminho incerto que tratava com especial truculência aqueles tidos como seus inimigos (LOPES, 2014).

Em seguida serão apresentados três personagens do cangaço que se destacaram com certa relevância para o movimento (portal 3acpmhisto, 2014):

Figura 01 - Corisco



Cristino Gomes da Silva Cleto, conhecido como "Corisco, o Diabo Louro". Em 1924, foi convocado pelo Exército Brasileiro, desertou em seguida, e no ano de 1926, aliou-se ao bando de Lampião. Foi casado com Sêrgia Ribeiro da Silva, a "Dadá". Corisco sequestrou Dadá, quando ela tinha treze anos. Ele ensinou Dadá a ler, escrever e usar armas. Permaneceu com ela até o dia de sua morte. Os dois tiveram sete filhos, mas apenas três deles sobreviveram. Desentendimentos com o chefe Lampião levaram Corisco a separar-se do bando e a formar seu próprio grupo de cangaceiros, mas isso não afetou muito o relacionamento amigável entre ambos.

Fonte: 3acpmhisto, 2014

Figura 02 - Jesuino



Fonte: 3acpmhisto, 2014

Jesuíno Alves de Melo Calado, Fez-se chefe de Cangaço devido a intrigas com a família Limão, protegida por influentes potentados rurais das províncias do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Atuava no semiárido paraibano e potiguar, quando ainda vigorava o escravismo, refletindo as exigências da classe dominante em fazer valer seus interesses em detrimento de valores humanos. Esse cangaceiro transformou-se em *'Robin Hood'*, intervindo em favor dos humildes em diversas oportunidades, com ênfase quando da grande seca de 1877-1879, atacando comboios de víveres enviados pelo governo imperial, distribuindo-os com famintos e desvalidos dos sertões ermos e esquecidos.

Figura 03 - Lampião



Fonte: 3acpmhisto, 2014

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, nasceu em 7 de julho de 1897, município de Serra Talhada, PE. Em 1915, acusou um empregado do vizinho José Saturnino de roubar bodes de sua propriedade. Começou, então, uma rivalidade entre as duas famílias. Quatro anos depois, Virgulino e dois irmãos se tornaram bandidos. Os irmãos Ferreira passaram a ser perseguidos pela polícia e fugiram da fazenda. Lampião formou seu bando com dois irmãos, primos e amigos, cujos integrantes variavam entre 30 e 100 membros, e passou a atacar fazendas e pequenas cidades em cinco estados do Brasil, quase sempre a pé e às vezes montados a cavalo durante 20 anos, de 1918 a 1938. Lampião roubava comerciantes e fazendeiros, sempre distribuindo parte do dinheiro com os mais pobres. Grande estrategista militar, Lampião sempre saía vencedor nas lutas com a polícia, pois atacava sempre de surpresa e fugia para esconderijos no meio da caatinga, onde acampavam por vários dias até o próximo ataque. Apesar de perseguido, Lampião e seu bando foram convocados para combater a Coluna Prestes, marcha de militares rebeldes. O governo se juntou ao cangaceiro em 1926, lhe forneceu fardas e fuzis automáticos. Em 1929, conheceu Maria Déa, a Maria Bonita, ela tinha 19 anos e se disse apaixonada pelo cangaceiro. Pediu para acompanhá-lo. Lampião concordou. Lampião morreu no dia 28 de julho de 1938, na Fazenda Angico, em Sergipe. (portal 3acpmhisto, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste estudo, podemos considerar que o cangaço se caracterizou como um movimento social, dentro do contexto histórico pelo qual se passava o país. Este movimento sofreu influência da abolição da escravatura, e da proclamação da república, mas não podemos deixar de considerar, que muitos dos nordestinos que viviam nas regiões mais isoladas do semiárido, se revoltavam contra as exigências da classe dominante (coronéis), que queriam fazer valer seus interesses em detrimento de valores humanos.

Porém, não podemos deixar de relatar que muitos dos cangaceiros agiam com extrema violência, o que os qualificava como bandidos, servindo desta forma, de pretexto para um discurso da oligarquia agrária deste período em convencer autoridades e a própria população desinformada de que os cangaceiros eram apenas bandidos, que deveriam ser caçados e eliminados, o que realmente ocorreu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, M. W. B. (2006): **Eric Wolf, o marxismo, as revoluções camponesas e os intelectuais**. Crítica Marxista. p. 65. 04 jul. 2006.

BARRETO, S. A. M. (2004): **A História do Cangaço Enquanto Atrativo Turístico: o caso do produto xingó (Canindé do São Francisco–Se)**. Mestrado – Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus – BA. 2004.

COSTA, A. A. (1994): **Lampião Além da Versão**. Sociedade Editorial de Sergipe. Aracaju, 1994.

PAULA E. de. (1976): **Os Sertões**. Intérprete Fagner. 1976. Disponível em: <<https://www.ouvirmusica.com.br/fagner/255578/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. (1996): **Atlas do Meio Ambiente do Brasil**. 2a. ed. Brasília, 1996.

HOBBSAWM, E. J. (1976): **Bandidos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

_____. (1978): **Rebeldes Primitivos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

IOKOI, Z. (Org.). (2015): **Cangaço: Insurgentes do Nordeste Origens no Século XIX**. FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <[http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Cangaço.%20Insurgentes%20do%20Nordeste.%20Origens%20no%20Século%20XIX%20\(joined\).pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Cangaço.%20Insurgentes%20do%20Nordeste.%20Origens%20no%20Século%20XIX%20(joined).pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2017.

LOPES, B. H. B. (2014): **O Cangaço: 12 fotos e 7 fatos impressionantes sobre um Brasil fora da lei**. Disponível em: <<http://www.historiaillustrada.com.br/2014/11/o-cangaco-12-fotos-e-7-fatos.html>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

MACÊDO. H. F. (2014): **Origem da Palavra Cangaço**. Dez. 2014. Disponível em: <<http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com.br/2014/12/palavra-cangaco-macedo-lingua.html>>. Acessado em: 03 dez. 2017.

MELLO, F. P. (2004): **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 2a. ed. São Paulo: A Girafa, 2004.

NETO, A. (2015): **Origem da Palavra “Cangaço”**. 20 mai. 2015. Disponível em: <<http://caderno1.com.br/origem-da-palavra-cangaco/>>. Acessado em: 03 dez. 2017.

QUEIROZ, M. I. P. de. (1977): **Os Cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. (1997): **História do Cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.

VASCONCELOS, S. G. T. (2002): **Homens Provisórios. Coronelismo e Jagunçagem em Grande Sertão: Veredas**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 321-333, 1º sem. 2002.

SITES CONSULTADOS:

<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/quinhentismo-brasileiro.htm>. Acessado em: 03 dez. 2017.

<http://www.lpeu.com.br/q/lpg7b>. Acessado em: 03 dez. 2017.

Fundação Joaquim Nabuco. Semiárido: proposta de convivência com a seca. Recife, Fev. 2002. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=659&Itemid=376. Acesso em: 08 dez. 2017.

<http://sinpefpb.org.br/historia-da-policia-no-brasil-2/>. Acessado em: 04 dez. 2017.